

Benjamin no Brasil: perspectivas

O número que agora apresentamos dos *Cadernos Benjaminianos* aceitou o desafio de acolher textos que procurassem pensar criticamente – e sob múltiplos aspectos – a presença, na cultura brasileira, da obra inclassificável de Walter Benjamin. Tarefa complexa e um tanto melancólica, dada a abrangência do projeto, a organização de um dossiê que procure considerar as diversas formas de contato e contágio do texto benjaminiano com o Brasil encontra, de saída, dificuldades consideráveis. A principal delas talvez esteja no fato de que a voz incontornável de Walter Benjamin ressoa em diversos estudos de questões brasileiras (literatura, vida social, configurações urbanísticas, práticas culturais as mais variadas etc.), restando, entretanto, o seu traço difuso, disseminado entre as mais diversas áreas do saber e sem um caráter sistemático que permita identificar as origens dessa proximidade ou o raio de alcance das formulações do pensador alemão sobre temas especificamente brasileiros. A larga e profunda acolhida que as teses benjaminianas tiveram no país tornam o esforço de historicização e de síntese particularmente trabalhoso, na medida que parece ser virtualmente impossível esboçar um balanço mínimo dessa presença sem deixar de fora importantes e sempre renovadas formas de leitura que se vão elaborando do legado de Walter Benjamin. Nesse sentido, o dossiê que agora apresentamos ao leitor procurou dar mais visibilidade às muitas possibilidades de leitura e aos muitos sentidos que sua obra encontrou no Brasil, deixando o plano de recenseamento amplo de sua figura entre nós como um indício e uma sugestão, algo que se pode perceber através dos muitos temas e perspectivas que os ensaios aqui reunidos dão a ver.

O primeiro texto desta edição, assinado por Bruno Gomide, é um trabalho de arqueologia crítica: o autor encontra, em meio aos primeiros escritos de Otto Maria Carpeaux no Brasil, os primeiros indícios de Benjamin no país, traficados pela alusão e pela paráfrase, na argumentação do grande crítico austríaco. Gomide não só procura elucidar essas referências quanto apresenta ao leitor, integralmente, o inédito de Carpeaux, colocado como apêndice de seu artigo. Na sequência, Frederico Canuto escreve sobre as imagens produzidas no âmbito das Manifestações de Junho/2013, procurando lê-las como ferramentas da luta política que se deu em torno às questões mais prementes da vida nas grandes cidades do país. Eduardo Veras, Milena Magri, Paulo Caetano e Lívia Baião, por sua vez, vão procurar pensar, a partir de Benjamin, textos-chave da literatura brasileira moderna e contemporânea. Respectivamente: o volume de poemas *Pier*, de Sérgio Alcides; o romance *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu; a narrativa *K. – relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, além do *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.

O dossiê traz também algumas especulações teóricas e leituras sobre o que poderíamos chamar o lugar do escritor e do fenômeno literário nos tempos atuais: numa delas, Geruza Zelnys reflete sobre a experiência das Oficinas Literárias que se espalham pelo país, procurando considerar, benjaminianamente, a questão da autoria e sua relação com a vida e a atividade política. Por outro lado, Cristiano Batista vai analisar comparativamente a condição sobrevivente dos poetas e das comunidades indígenas no mundo contemporâneo, ambos lidando o tempo todo com processos de apropriação cultural e esquecimento. Por fim, oferecemos ao leitor uma resenha escrita por Wolfgang Bock do livro (ainda inédito em português) *Archäologie des Erinnerns. Sigmund Freud in Walter Benjamins Berliner Kindheit*, que trata das relações de *Infância em Berlim*, de Benjamin, com a psicanálise.

Georg Otte
Gustavo Silveira Ribeiro
(Organizadores)